

Farmácias ou mercadinhos? Mercadinhos ou farmácias?



Elber Bezerra
de Menezes,
Vice-presidente
do Conselho
Federal de
Farmácia

A população brasileira vive uma dúvida intolerável, quando entra num supermercado e numa farmácia. No supermercado, encontra medicamentos expostos em prateleiras; nas farmácias, produtos que não têm relação alguma com a saúde. É o verdadeiro *samba do crioulo doido*.

Esta descaracterização de mercados deve-se aos desmandos de grandes empresas (entenda-se grandes farmácias), que desrespeitam as leis sanitárias federais. Deve-se ainda ao desrespeito ético de farmacêuticos responsáveis técnicos por aquelas grandes farmácias e ao descaso de certas vigilâncias sanitárias, que não implementam suas ações fiscalizadoras, para garantir saúde à nossa população.

Nesta confusão de mercado, todo o ônus recai, como sempre, sobre o cidadão. Ele é o penalizado, o massacrado, com os resultados prejudiciais à sua saúde, porque não tem garantido pelo farmacêutico responsável pela farmácia algo que é básico à consciência ética profissional: que produtos e serviços alheios à saúde não estejam expostos em prateleiras juntos a medicamentos.

A ética farmacêutica preconiza que o farmacêutico tem que garantir, em seu local de trabalho, a aplicação das leis e resoluções que regulam o mercado farmacêutico. Responsa-

bilidade técnica é decidir por todo o **ato farmacêutico ético** (grifo meu), não permitindo que ordens que brotam na intenção exclusiva do lucro venham de encontro à garantia da assistência farmacêutica ao usuário do medicamento.

Precisamos de nos posicionar contra estes abusos ao profissional farmacêutico e à sociedade, de um modo geral, mostrando a esses padrões o poder do farmacêutico nas decisões das empresas que comercializam medicamentos.

Importa lembrar aos colegas responsáveis por estas empresas que o papel social do farmacêutico é o de garantir qualidade aos serviços e produtos, bem como implementar uma efetiva assistência farmacêutica. Por isso, venho conclamar toda a comunidade farmacêutica que vislumbra, hoje, uma farmácia ética, a se opor a esses desmandos, tendo a certeza de que, com a sua atitude corajosa e consciente, estará prestando um grande serviço em favor da valorização profissional.

Quando um patrão proprietário leigo de farmácia, desses que só ouvem o tilintar do caixa registrador de seu estabelecimento, desses que vendem a alma ao diabo para robustecer o seu lucro e engordar a sua conta bancária, desses para quem a saúde da população não passa apenas de uma boa fonte de dinheiro, quando um deles (e são tantos) vendem bugigangas ao lado de medicamento, ele está criando uma estratégia desumana de venda, pouco se lhe importando o efeito nocivo disso para a saúde do cidadão que, muitas vezes, desavisado, é atraído ao local e acaba adquirindo também um medicamento em promoção. Mas se o farmacêutico responsável técnico não reage, o proprietário avança mais um passo, hoje, em sua caminhada pelo lucro fácil; Amanhã, avança outro; depois, mais outro. Vai chegar um dia, aí, sim, em que não poderemos mais reagir. Não teremos mais espaço para isso.